

Imagem do Selo Aldir Blanc Bahia / Prêmio Cultura na Palma da Mão

APOIO FINANCEIRO: Prêmio Cultura na Palma da Mão, Programa Aldir Blanc Bahia, Secretaria de Cultura, Governo do Estado da Bahia, Secretaria Especial da Cultura, Ministério do Turismo e Governo Federal.

MUTHA

VÍDEO – KEILA

Nome da entrevistada: Keila Simpson.

Entrevistador: Não identificado.

(Keila inicia o vídeo)

Keila “Bom, então, me chamo Keila Simpson. Sou natural de Pedreiras, no Estado do Maranhão. Moro em Salvador há mais de trinta anos. É... tenho cinquenta e seis anos. Sou uma travesti. Reivindico essa identidade sempre. Uma travesti binária do gênero feminino. É... minha profissão é prostituta. Foi o que sempre fiz durante toda a minha vida, mas atuo muito, muito, muito, como minha segunda função... é ativista militante. Desde noventa e um, participando do trabalho de prevenção HIV e AIDS com a população de travestis, e mulheres transexuais. Depois, do movimento LGBTQIA+, e da segunda gestão como presidente da maior associação de travestis do Brasil, que é a ANTRA, Associação Nacional de Travestis e Transexuais”.

Entrevistador: Pode falar um pouco sobre a sua infância?

Keila: “Eu me lembro da minha infância, uma infância muito feliz. Eu morava na minha cidade, era uma cidade muito pequena. Ainda hoje é. Uma cidade muito pobre. Uma cidade que... não sei exatamente agora decor a quantidade da população, de... de... de pessoas que habitavam naquele espaço, que habitam naquela cidade, mas é uma cidade de pequeno porte mesmo, no interior do Maranhão. Então, e a cidade é muito pequena, mas eu me lembro de uma infância muito feliz. Era uma infância... a cidade não era violenta. A gente brincava na rua sempre, com outros meninos da mesma idade minha. É... brincadeira de criança mesmo. Tem um rio que... que corta a cidade. A gente brincava muito no rio. Aprendi nadar muito cedo. Com três anos de idade já nadava bastante no rio. Foi.. era uma coisa que dava uma liberdade enorme. As nossas brincadeiras mais era essa. Era brincar de... nadar no rio, atravessar o rio de uma margem para outra, ou então, buscar fruta nos... nos pomares, que era nos sítios, que tinham na redondeza... manga, goiaba...é... essas frutas, que a gente é... gostava bastante. Cada período que tinha, a gente saia pra buscar. E foi nessas idas, nessas

brincadeiras de criança, que a gente começou a descobrir então a nossa sexualidade, porque a minha especialmente, ela foi despertada muito cedo, muito cedo. Acho que com nove, dez anos de idade. É... ainda fazia essa questão de... pensar sempre, que esta coisa da brincadeira com a sexualidade, que para mim, nunca foi tabu. Foi sempre algo muito... natural. Foi... foi tudo muito naturalmente que aconteceu. Ela foi desenvolvida a partir dessas brincadeiras de criança, passando depois pra essas... é... é... pra essas junção mais com pessoas adultas, mas a brincadeira era brincar, sair pra pracinha, pra brincar de bicicleta. Apesar de não ter bicicleta, mas a gente sempre tinha alguém que tinha. A gente brincava. Carro de rolamento também era uma brincadeira muito... é... muito nossa. É o carro de... chama o carro de rolimã, né... A gente brincava bastante. Tinha uma usina de beneficiamento de arroz, na minha cidade, e tinha uma calçada, que era uma descida. E, a gente usava muito aquela descida para fazer essas brincadeiras com o carro de rolimã. Também era uma brincadeira muito comum nesse período, ou então, quando a gente já foi ficando um pouco mais, na parte de adolescente, com os amigos. Eu tô lembrando agora, a gente gostava muito de brincar, quando ia parque de diversão, quando ia o circo pra cidade. Como a gente não tinha, quase todos nós que estávamos ali brincando, que depois nos... nos tornaríamos essas mulheres, é... não tínhamos dinheiro para entrar, ou para brincar nos brinquedos, a gente aproveitava, ficava vendo aquela movimentação do circo. Ouvindo as músicas que tocava, e ouvindo o locutor falar as apresentações, porque ele falava, e a gente ouvia em toda a praça. E, nos brinquedos, de ficar na praça dançando é... é... as músicas, que tocavam nos alto-falantes. Então, os namorados oferecendo música pras namoradas, e aquelas declarações de amor, que era muito comum nessas festas do interior, em quermesse. A gente gostava muito. Eu lembro de uma infância muito feliz. Não me lembro de uma infância violenta. Vivi numa família que tinha... o meu pai ele bebia bastante. De vez outra, ele era violento em casa, mas era um momento, um período que passava. Nós éramos, e somos uma família muito unida ainda hoje. Minha mãe vive com oitenta, quase completando noventa anos, lá em Pedreiras ainda. Muito lúcida da sua existência e... do que ela deixou de futuro pra esse país, ou seja, a família que ela constituiu. Nós somos ainda uma família de pessoas muito pobres. Somos sete filhos, né... Eu sou a pessoa do meio, eu sou a filha do meio. Tem três irmãos mais velhos que eu, e três mais novos. E, eu me lembro sempre disso. Nós tivemos uma família também, que ela era muito protetiva. Os irmãos, apesar de conhecer a minha condição, de eu não falar dela, o que que era... eles percebiam, todo mundo percebia. E, tinha uma.. uma possibilidade, era um... uma projeção de me proteger, de me proteger é... de qualquer coisa que pudesse acontecer comigo. Como em todos os momentos da nossa vida, essa existência de ser LGBTQIA+, ou... seja que identidade fosse. Desde o começo, desde o primórdio, ela sempre foi uma identidade muito... visibilizada, e muito pro lado da violência. Então, essa proteção que eu tinha dos meus irmãos, ela era muito presente, ela me dava mais ainda, a possibilidade de viver. Nem colocava essa questão da minha existência, enquanto pessoa... é... não heterossexual que eu era. E aí, também não vou dizer que eu era trans, porque eu já me identifico depois, provavelmente era mas, não reivindicava essa

identidade de travestis. É... a gente só... era... tinha olhares, tinha olhares de... de... de repreensão. Tinha brincadeira um pouco mais agressiva, como tipo essas piadinhas que são feitas aí, que são agressivas e violentas, nesse contexto hoje, mas elas eram quase despercebidas, naquele período. Mas, mesmo assim, meus irmãos já estavam bem atento. Eu me lembro de uma certa ocasião, tava eu e minha mãe na feira, e tinha lá um rapaz que vendia calcinhas. E eu e minha mãe... minha mãe tava olhando alguma coisa. Não era calcinha, de fato, era uma banca do lado, e ele vem, coloca uma calcinha na... na minha frente, na minha região genital. E, minha mãe olha para ele e diz pra ele assim: 'Se respeite! Cê não tá vendo que ele não é uma menina? Como é que o senhor vai apresentar para ele calcinha? Se ele tiver algum dia que usar calcinha, aí eu mesma posso comprar'. Então, ali, já via a liberdade, que a minha mãe determinava sobre mim... é... desde muito cedo. Ela deixava muito essa... essa liberdade. Não precisei nunca dizer pra minha mãe: 'Minha mãe eu sou isso, minha mãe eu sou aquilo'. Ela sempre deixou esse limite do... do amor que ela sentia, do respeito que ela tinha por mim, muito claro, muito nítido ali. Era muito nítido a... aceitação que ela tinha de mim, que nunca nem ter questionado uma possibilidade, da minha mãe me repreender por qualquer razão. Então, eu tive essa infância, que ela foi muito feliz. Ela foi tão feliz que, no momento que eu senti necessidade, de sair de Pedreiras, e ganhar um outro horizonte, ganhar novos rumos, ela foi também muito tranquila. Ela foi dialogada com minha mãe, ela foi conversada com meu pai. Nenhum colocou barreiras ou empecilho, apesar de ser muito jovem. Saí da casa dos meus pais com treze anos de idade. Como eu ia pra uma outra cidade, que era Teresina, que lá moravam os parentes meus, não teve essa preocupação, por eu não estar sozinha, mas eu não queria ficar na casa de parente. Meu sonho era conhecer o mundo. Minha vontade de sair daquela cidade pequena, era para ganhar outros ares e eu tive isso desde muito jovem, muito pequeno. E aí, saí com treze anos de idade e nunca mais voltei. Tenho cinquenta e seis anos hoje. Conheço uma parte do mundo. Obviamente, que nessas viagens que já fiz, pelos continentes que tem o mundo. Hoje, me sinto... não sou... não diria que eu sou uma pessoa realizada... é... porque, para mim, me falta tanto. Me falta uma casa própria, me falta ter uma... é... uma... uma segurança financeira, pra manter a minha vida, mas eu sou uma pessoa bem feliz. Realizada no que me proponho a fazer, trabalhando todos os dias, com as minhas funções de trabalho, que eu acho importante, e vou continuar. Eu quero ter só saúde, serenidade pra continuar trabalhando, todos os dias... é... fazendo o que eu faço, que de melhor sei fazer. Que nesses dois anos de pandemia, foi o que eu procurei fazer. Me... é... posso estar na frente de um computador, na frente de um aparelho de telefone de celular, nesses aplicativos que existem aí, e trabalhando intensamente. E, fora, a prostituição, que não pude mais fazer, por conta da pandemia, mas é uma outra coisa que me faz bastante falta. Esse... contato direto com as pessoas... é... no dia a dia, nesse trabalho, que eu acho tão importante pra minha emancipação, que tem... fez uma diferença enorme na minha formação, do que eu sou hoje. É isso."

Entrevistador: Pode falar um pouco sobre a sua infância?

Keila: “E aí, então, segue, né. Eu saio com treze anos de idade, de Pedreiras vou pra Teresina, morar com uma prima minha. Saio com uma amiga da cidade... é... essa minha amiga, a gente vai pra Teresina, e fomos pra casa dessa minha prima. E, a minha prima, no dia que a gente chegou, perguntou quando a gente ia embora. E, para mim, foi ali, exatamente, já uma noção de que: ‘Eu não quero vocês aqui’. Aí, eu disse para minha amiga: ‘Ó, eu não vou ficar aqui, não. Eu vou procurar alguma coisa pra fazer, porque essa recepção, para mim, já foi quase que o... o final de tudo. Aí, eu saí procurando trabalho. Imagina só, uma pessoa com treze anos de idade, procurar um trabalho, sem ter nenhuma experiência de trabalho, porque ainda tava no processo de... de... de estudo ainda. E, minha amiga não queria sair. Aí, eu disse: ‘Não, eu vou. Não vou ficar, porque eu não vou aguentar ficar no lugar, em que uma pessoa não tá gostando da minha presença’. Porque ficou bem nítido, na... chegada minha, que ela não tava contente de forma nenhuma com aquelas duas pessoas ali. E, também, ela tinha até razão, porque ninguém tem obrigação de receber ninguém, que não seja seu... é... filho ou filha, enfim... é... é uma coisa muito difícil de... de se lidar. Mas assim... eu saí. E, minha amiga depois foi. A gente acabou encontrando um trabalho de... em pensão. Em Teresina, nesse período, tinha muitas pensões, que as pessoas, principalmente como nós, trabalhava. Já... já éramos pessoas, que não éramos gays assumidos, mas também não éramos trans. Estávamos nesse processo da transição. Naquela brincadeira com as roupas, com as blusinhas sendo amarradas um pouco mais acima, o short de... é... é... dobrado, pra ficar parecendo mais curtinho, como mulheres utilizava. Os cabelos eram, geralmente, mais arrumadinhos. Então, já tinha toda aquela... aquele... aquela fase da transição inicial. E aí, eu fui trabalhar niuma pensão, ajudando... é... niuma... uma... uma... uma senhora, de uma pensão de estudantes, que eram do interior. E, próximo a essa pensão, que eu trabalhava, em Teresina, tinha uma praça, tem uma praça, chamada Praça Pedro Segundo, e nessa praça, era onde se encontrava todas as pessoas daquele período, que estavam começando a viver esse mundo. A Praça Pedro Segundo, em Teresina era, e ainda hoje é, um espaço muito frequentado pela comunidade LGBTQIA+, que é o que a gente... que, naquele período, era uma praça muito... de frequência gay, lá nos anos oitenta, oitenta e três... por aí. E... aquela praça, ela me dava a dimensão exata da minha liberdade, que eu já tinha em casa, mas que naquela praça, eu acabei experimentando mais, porque ali, tinha pessoas como eu. Que eu via... Que não era muito comum ver na minha cidade, que não viviam muito essa liberdade. Apesar de saber que éramos como éramos de... pessoas que não tinham essa... essa orientação heterossexual. Nossa... nosso... nosso desejo afetivo, era por pessoas do mesmo gênero que nós. E essa praça tinha tudo isso. Tinha... a gente via pessoas que estavam lá... paquerando umas as outras, alguns casais de namorado. Era tão comum nessa praça, quando chegava um casal heterossexual, um casal de um homem e uma mulher... Não vamo chamar de heterossexual, mas um casal de um homem e de uma mulher, que estava lá, a gente se aproximava, e principalmente, eu com uma amiga, que ainda hoje, me recordo com muita saudade dela, que a gente começava a falar.

Olha só que... era uma infantilidade nossa, mas que a gente pensando hoje, como era cruel aquilo. O casal estava se beijando ali, namorando na praça, como um casal nor... comum, de pessoas comum, namorando, e a gente começava a falar de práticas sexuais, mas aquela prática mais... é... é... como é que se... mais... mais escrachada possível. E, a gente conversando, eles namorando comumente, e a gente conversando, do mesmo lado deles. E eles se incomodava tanto, com aquela... com aquela nossa conversa, que eles acabavam saindo da praça. Acho que aquilo, mesmo na... no nosso subconsciente tava dizendo... nosso inconsciente tava dizendo assim: 'Esse reduto é nosso. Esse reduto não é dessas pessoas aqui'. Então, a gente vai acabar fazendo com que... é... é... elas se afastem daqui. E, a gente fazia isso várias vezes, com vários casais. A gente sentava, exatamente, pra fazer isso. Começávamos a falar dessas práticas sexuais, que nem fazíamos. Apenas é... é... pensávamos e... e... e poderíamos pensar que alguém fizesse. E, a gente começa a conversar. Isso era uma diversão que fazia já, nessa fase, saindo da infância, entrando na adolescência. E foi também nessa praça, que eu pela primeira vez, é... consegui fazer um programa. Vamos chamar de um programa? Mas não saí para fazer um programa. Eu trabalhava nessa pensão, recebia um salário regularmente. Não me recordo também quanto era, mas transitando essa praça, noto que tem um senhor me acompanhando com o olhar. Tinha muitas pessoas nessa praça. Era uma praça que tinha um cinema. O cinema.. É... tinha um Teatro 4 de Setembro, que também fica na mesma praça, e era muito frequentado. Então, o pessoal ia pro cinema, ia pro teatro, e a praça ficava mesmo na frente desses dois espaços. Era uma praça só, que tinha esses dois espaços públicos. Tinha uma banca de revista, tinha uma farmácia na esquina, que ficava aberta também. Então, era uma praça de trânsito comum. E esse senhor passou me olhando, e fez um sinal para mim, e eu saí. E ele mandou entrar no carro, era um fusca, e a gente... eu entrei no carro. Imagina só a... a... a... a possibilidade de você conseguir estar num... com uma pessoa estranha, no carro. É... não tinha nenhuma... nenhuma noção de que aquilo poderia ser perigoso, porque não era perigoso. Não tinha nada ali, de perigoso no ato. Não tinha essa violência que temos hoje. Não tínhamos, de fato. A gente ficava a noite toda na rua, andando pra cima e para baixo. Não aparecia... Aparecia essas brincadeiras que ele tem, uma piadinha, um gritinho ali, um risinho, mas essa violência física letal, ela não acontecia. E aí, entrei no carro desse senhor, esse senhor me levou pra um motel, e lá, a gente ficou a noite toda, e eu dormi. Acabei dormindo, acordando de manhã, e desesperada, pedindo que ele me levasse para casa, porque precisava trabalhar. Quando ele me levou na casa, me deixou na mesma praça que tinha me pegado, ele mete a mão no bolso, e me dá um dinheiro. O dinheiro que ele me dá, equivale quase o salário que eu recebo mensal, e aquilo fez com que eu pensasse a minha vida. 'Eu não vou trabalhar o mês inteiro, pra ganhar um salário, se eu posso ganhar dessa forma. Você poderia pensar assim: 'Esse homem induziu Keila a fazer prostituição?' Não, porque ele não me disse pra ir, ele apenas me deu o dinheiro por algo que ele deve ter se... é... é... se sentido confortável. E aí, eu disse pra dona da pensão, que eu não queria mais trabalhar, que eu ia fazer só essa outra função. Ela me adverte: 'Olha, isso não dá certo, isso é uma ilusão. Você precisa

trabalhar, porque o seu dinheiro é mais certo, mensal'. Mas, eu não queria saber. Tava na minha fase de... de... de negar tudo, de experimentar tudo. Tava naquela fase bem crítica da adolescência, e não quis. Aí fui, saí. Fui com essa minha amiga. A gente foi alugar um quarto. Com muita dificuldade, consigo alugar porque éramos de menor então, mas como a gente tentou alugar na estação, e a estação era uma zona de prostíbulo, não tinha muito... essa vigilância que tem hoje. Era muito mais liberal fazer essas negociações. Acabou alugando um quarto, lá no prostíbulo, que era no centro da cidade também, na... em Teresina, próximo à estação. E, lá a gente foi morar, e fomos dizer, que ia fazer prostituição à noite. Já nesse sentido mesmo de... de... de liberdade. A gente... Sempre pensei, e acredito que a prostituição, além de ser pra mim, um trabalho, ela tem um q de liberdade. Ela dá uma liberdade, de você poder ser o que você quer, de você poder ser a dona de... do.. do seu próprio negócio, de trabalhar com que você gosta, com quem você gosta, na hora que você quer fazer. Então, essa liberdade toda dava. Mas, a gente experimentou que não era isso, que não... Realmente, como a dona da pensão tinha falado, era uma ilusão esse trabalho, que não dava, de fato, como a gente queria sobreviver com ele. Aí, voltamos para procurar outro trabalho, e aí, a gente já foi um pouco mais experiente. Equilibrando o trabalho da prostituição, com o trabalho comum, niuma outra função. Trabalhava de dia como doméstica, e à noite, muito mais os finais de semana, fazia essa outra prática. E, assim, ficamos em Teresina. E, queríamos sair. Ela, como eu, era uma pessoa que queria viajar o mundo. Aí eu disse: 'Vamos pra São Luís'. E aí, saímos de Teresina pra São Luís. Já fomos, e lá em São Luís, a gente acaba encontrando um outro grupo de travestis como nós. E aí, já estávamos já, com essa identidade mais definida. Ainda não com hormônio, com pouco hormônio, mas não com silicone. Mas, já fazendo essa fase de transição com medicamentos. E aí, em São Luís a gente se estabelece. Já vamos morar niuma... niuma zona também de prostíbulo, no centro de... de... de São Luís, né. E, lá alugamos um... um quartinho. Fomos morar nesse quarto, e tentar fazer prostituição a noite, que também não dava. Como Teresina, era um espaço muito pequeno pra trabalhar. E assim, a gente foi experimentando, e como não dava certo, a gente acabou tendo que procurar um trabalho. E aí, arrumamos um trabalho... é... niuma lanchonete com um casal de pessoas, que era de Recife. Um casal muito jovem, que tinha uma lanchonete no centro de São Luís, e a gente foi trabalhar. Minha amiga sabia fazer salgadinho muito bons, e eu ajudava ela fazer bolos, e confeitar bolos. E a gente inventava inú... receitas mirabolante. A gente fazia cobertura de bolo com mingau de maizena, e com... com anilina de cores. E, fazia aquelas coisas assim... colocava uns confetti. As pessoas achava aquilo lindo, e acabam comprando, muito mais pela... o bolo era saboroso. Não vou dizer que não era saboroso, mas o... a cobertura que a gente inventava, pra não ter que tá fazendo glacê, ele dava muito mais um... um elemento mais de atrativo, e a gente ficou muito tempo trabalhando nessa lanchonete. Eles falavam muito do Recife. Esse casal nosso, que a gente morava... que trabalhávamos com eles. E aí, a gente disse... e eles contavam para nós. Eles mesmo contavam pra nós, que em Recife, diferentemente de São Luís, as travestis tinham um ponto, que elas trabalhava à noite, na rua. E, que tinha travesti que tinha

silicone no corpo, que a gente nem imaginava. 'Silicone?'. A gente ouvia falar, mas era algo que tava tão distante da... da... da nossa realidade... é... que a gente nem imaginava o que seria isso, mas aquilo ficava no nosso consciente, no nosso subconsciente. Sempre... é... pensando nessas coisas. E aí, eu disse para minha amiga, e ela concordou comigo assim: 'Olha, nossa meta então é Recife. A gente vai para Recife. Se nós temos uma meta de chegar a São Paulo, Recife já é um caminho. Saindo de São Luís tando pra Recife, a gente vai descendo até chegar em São Paulo'. E aí, fomos para Recife. Pegamos... é... pedimos nossas contas, e fomos pra Recife. Chegamos... Fizemos a mesma coisa que Teresina. Fomos procurar os familiares desses patrões nossos, que nos deram o endereço, mas os familiares foram ainda muito mais arredios, que a minha prima, lá em Teresina. E, a gente viu que não dava. Então, deixamos pra lá, o...o casal, os familiares do casal, e fomos procurar morar... um local pra morar. A gente já sabia, mais ou menos, como era o trânsito de procurar. Essa experiência, a gente teve já, vindo de... de... dessa prática toda, e achamos uma... um quarto pra alugar, na Rua do Rangel, bem próximo do Mercado de São José, em Recife. E lá, a gente foi, alugamos esse quarto pra morar, nessa pensão, e poderíamos então pensar: 'O que nós vamos fazer?' A gente tinha um pouco de dinheiro, que dava para se alimentar, mas a gente precisava continuar com esse... é... ter dinheiro, porque precisava pagar nossas despesas. Ai, resolvemos sair à noite, na rua, um pouco. Muito cedo da noite. Saímos, a gente não perguntou nada para ninguém. Fomos... rodar, conhecer a área, pelo menos que a gente morava. Novamente, eu digo, naquele período, era muito mais fácil. A gente não tinha esse temor que tem hoje, sair à noite nas ruas. Eu fico imaginando: 'Como é que a gente fazia tudo isso antigamente?'. Se for fazer hoje, fatalmente, a gente vai encontrar problemas. E aí, saímos transitando pelas ruas do centro de Recife, acabamos saindo... entrando numa rua transversal, saindo numa avenida principal. Uma avenida que transitava muito carro. Nós pensamos: 'Estamos numa rua bem movimentada. Vamos...'. Aí quando a gente olha pro lado direito, daonde a gente tinha visto, uma infinidade de pessoas. Era pra mais de oitenta, cem pessoas, mais ou menos, que falavam muito alto, que davam muita risada, que transitava de um lado pra outro. Tinha uma praça... chama Casa da Cultura, esse centro lá. E, eu olhei pra Bruna, e falei assim: 'Bruna, o que é aquilo?' Aí, Bruna olhou. Tinha algumas mulheres com espartilhos preto. Eu digo: 'Mas tá com roupas íntimas no meio da rua. E pode isso?'. Eu fiquei imaginando. A gente só foi se dar conta, que a gente tava numa zona de travestis, quando uma travesti chegou para nós, é... A gente estava tão encantada. Parece que ficamos hipnotizada com aquela cena, que era algo que a gente sabia, que o nosso subconsciente tinha sempre nos alertado, que a gente conseguiria... é... chegar a essa dimensão. E, quando a gente viu essa cena, a gente parece que ficou... é... hipnotizada. De não ver mais nada. Não via carro, não via casa, não via passando... cê só via aquela profusão de pessoas que estava ali, que nós ainda não tínhamos identificado que eram travestis. E, o nosso olhar foi os dois, os quatro olhares foram direto pra lá, pra aquela cena. E, a gente só teve a noção de voltar à realidade, quando alguém fez assim... bateu nas costas, acho que minha, e fez assim: 'Vocês

estão fazendo o quê aqui?'. Já uma voz bem grave. Aí foi que a gente tomou um susto, olhou. Era uma travesti negra, menor que eu. Eu sou bem baixinha. Tenho um metro e sessenta e cinco. Ela era menor que eu. E aí, Bruna me olhou, eu olhei para ela assim... e ela já estava no sentido de nos afrontar. 'O quê que nós estávamos fazendo ali?' Ela não disse nós. Ela falou um termo que é muito comum, usado lá em Recife. 'O quê que esses frangos estão fazendo aqui?'. Frango é a forma... é... pejorativa que chamam a gente lá. Gays, travestis, essas coisas assim. Eu olhei para ela, e não respondi. Aí ela perguntou novamente: 'Vocês são de onde?'. Minha amiga já mais receosa, ficou parada, e eu falei: 'Do Brasil. Por quê?'. Ela: 'Porque, aqui só vai ficar, quem for da minha época, que outro frango não fica aqui'. Aí eu fiz: 'Tem problema aí'. Já me preparei para briga, porque nesse período era briga, tinha que me brigar para permanecer nos lugares. Ou você brigava, ou então, você ia procurar um outro espaço. Se a gente não tinha essa violência gratuita da rua, das pessoas que não eram trans, que não eram travestis... já tinha uma dificuldade muito grande, pra permanecer nos espaços aonde as travestis trabalhavam, porque elas não aceitavam que novatas chegasse. Não era muito comum chegar. E eu então tentei negociar, conversar um pouco com ela, mas eu vi que ela não tava querendo conversa. E aí, se aproxima uma travesti mais velha. Devia ter uns já cinquenta, sessenta anos, chamada Diana. Diana se aproxima e diz: 'Foi o que?'. Aí quando eu vi que ela tinha querido perguntar, eu comecei: 'Não, que a gente tá aqui dando uma volta, e aí, ela chegou aqui. Tá perguntando de onde a gente é. Pra que... a gente não vai ficar aqui. A gente veio ficar aqui. Nós estamos passando. Não dá para passear?'. Nós não estamos com roupa de trabalho. Eu tava de shortinho, camiseta, e Bruna também. Na verdade, nós não tínhamos nada de corpo, de atributos, pra demonstrar. E, nunca pensaríamos que nossos corpos ali, naquele... naquela esquina, onde aquelas mulheres, tudo transformada de silicone, com seios, com quadris, com cabelos enormes, iríamos... iam se incomodar com a nossa presença. E aí, Diana olha para ela e fala assim: 'Deixa os meninos quieto!'. Fala desse jeito. 'Não porque não sei o quê'. Aí Diana falou assim: 'Eu vou falar com Marluce, e depois Marluce resolve'. Aí foi que, ela foi se reportar a essa Marluce. Tinha Marli e Marluce. que eram duas travesti também bem antigas que elas não eram as cafetinas local, mas elas quase que... dominavam, porque elas tinham casas. As meninas moravam com elas, e elas tinham mais ou menos uma... uma certa liderança naquele espaço. Aí, Marluce vem, e pergunta. Eu digo pra ela que a gente tava viajando, que tinha acabado de chegar ali. E, Marluce pergunta: 'Vocês querem fazer o que aqui? Querem trabalhar? Se querem trabalhar, tem que botar uma roupa de trabalho. Podem vir. Não tem nenhum problema'. Aí olhou pra Piná, essa baixinha que já tinha chegado pra aticar gente, e disse assim: 'Saia daqui. Senão eu vou lhe dar uma surra de cipó'. Eu só fiquei sabendo, tempos depois, que Marluce era acostumada pegar cipó pra bater nas travestis. Exatamente essas que se... queriam se sobrepôr sobre as outras mais... mais novas. Ou aquelas mais... vamos dizer mais fracas, que estavam no período. Fato é, que a gente acabou ficando lá. Fomos... Usamos depois a casa de Marli, que era uma da... das travestis que liderava aquele percurso pra fazer nossa alimentação. Dessa forma, a gente conseguia já... conciliar

alguma coisa, se tornar uma presença constante no meio delas. A Piná sumiu das nossas vidas. De vez em quando, a gente encontrava ela na rua muito... bêbada. Ela usava muita bebida alcoólica, outras drogas também, mas isso não vem ao caso. É... e a gente continuou... começou a ficar... ficamos, ficamos no Recife um tempo. Nesse período, dá uma certa noção de que... tem um cara em Recife, que mata as travesti, chamada Aracati. Ele era um cliente, que passava na rua, pegava as travesti, saía, fazia programa, fazia sexo com ela, e matava depois. E aí, as pessoas passavam de carro, e gritava: 'Aracati vem aí'. Aracati ficou um nome muito comum. Acho que o jornal, ainda hoje, conta um pouco dessas histórias, se pesquisarem. E a gente tinha muito medo. Eu e Bruna dizia assim: "Será que a gente não vai ser a próxima vítima de Aracati, uma hora dessa aí?". E falava-se muito, Recife-Salvador, Salvador-Recife. Muitas travestis de Recife vinha pra Salvador, e muitas de Salvador iam pra Recife. Elas ficavam nessa troca de... de... de espaço. Então, as travestis vinham pra Salvador ficavam na Rua São Francisco. Essas que te mostrei a foto, e as daqui que iam pra Recife, ficavam na zona do Rio Branco, que é uma zona de prostíbulo no centro do Recife. E elas diziam muito, que aqui em Salvador, que era muito bom, que as travestis trabalhavam de dia. Em Recife também, na Praça do Diário, mas era muito mais um ponto de mulheres, de prostituta, no Recife durante o dia, na Praça do Diário. Aqui, em Salvador, não. Já tinha a Rua São Francisco, que era um reduto de prostituição de travestis, durante o dia. A 28 de Setembro, e a Rua São Francisco. Eu falei assim: 'Olha, táí. Isso é uma estratégia, uma boa coisa. Se a gente quer ir pra São Paulo, Salvador já fica mais fácil'. Fomos sempre pensando nisso. E, lá decidimos nós, de vir pra Salvador, eu e Bruna. Aí a gente... um belo dia, se arruma, e diz: 'Vamos pegar um carro, e vamos pra Salvador'. E, viemos pra Salvador. Chegamos aqui, eu e ela, por volta de oitenta e três, oitenta e cinco. Mais ou menos, nesse período. E fomos morar na Rua São Francisco. Chegamos... deixamos nossas coisas na rodoviária, pegamos um ônibus, descemos no Elevador Lacerda. Fomos andando do Elevador Lacerda até o Porto da Barra. Não melhor, até o Clube Espanhol, na Barra, que a gente sabia que era um ponto de prostituição. Tomamos um belo banho na praia da Preguiça. Tava muito calor. Fomos com a roupa molhada. Chegamos na Barra. Fomos trabalhar na Barra à noite. Ali na Barra, no Espanhol, a gente ficou naquelas palmeiras que tinha lá da... no Aeroclube, como é hoje. E lá, eu consegui fazer um programa, a Bruna não conseguiu fazer nada. E, esse cliente que eu fiz um programa, quando no final, eu pedi que ele desse uma carona pra rodoviária, porque a gente precisava pegar nossas coisas que estavam lá. Aí ele disse: 'Tá bom. Eu levo vocês lá, na Rodoviária, e depois, eu deixo vocês onde vocês quiserem'. Aí eu perguntei: 'Onde é um bom pra gente procurar um quarto pra morar?'. Aí ele falou: 'No Pelourinho. Pelourinho é um espaço, que tem muitas como vocês, que moram lá. Vocês podem achar'. E assim ele fez. Levou a gente da Barra a Rodoviária, pegamos a nossa bolsas... as nossas bolsas, ele nos colocou no carro, e soltamos na Praça da Sé. E aí, na Praça da Sé... nós chegamos, já era tarde da noite, já madrugada, alta madrugada, quase já amanhecendo o dia. A gente encontrou um grupo de travestis, que talvez estava vindo da rua, e tava na praça, bebendo e conversando. E a gente se aproximou delas, e foi

completamente diferente, a aproximação daqui em Salvador, do que aconteceu em Recife. A gente falou que tava em viagem, tinha chegado do Recife, vinha de um outro estado, e tava procurando um lugar pra morar. Pra dormir, pelo menos, e que a gente queria morar. E aí, imediatamente elas começaram a dizer, que tinha casa. Tinha a casa de Ava, tinha a casa da Playboy, tinha casa da tia Célia, tinha a casa de Lúcio, e aí ficaram dizendo. E uma se... prontificaram a ir conosco na casa, procurar um espaço. Chegou em uma casa, perguntou, niuma outra também não tinha. Quando a gente... na última casa que a gente procurou... Aí, a gente foi na casa de Ava, não tinha. Na casa de Lúcio não tinha. E, na casa de Lúcio alguém fala: 'Vá na casa da velha do portão, dos cachorros, que pode ter'. Eu tomei um susto, falei: 'Velha, dos cachorro? Enfim, vamo lá'. A gente desceu. Então, essa menina que levou a gente lá chamava Sueli. Sueli desceu a gente na Rua da Oração. Aí bateu na porta, dona... a cachorra acordou logo. Claro que ela... aí dona Diaci disse: 'Quem é?' Aí, Sueli disse assim: 'É que tem duas pessoas querendo quarto. A senhora tem?' Ai ela: 'Tem um aí, mas não tem nada, não. Só o tabique. Aí, eu falei: 'Ó, eu durmo até... em qualquer lugar que apareça'. Aí, ela mostrou. Era um quarto com quatro compensado, uma parede com uma porta que não fechava, tinha uma corrente e não tinha mais nada dentro. Era algo que tinha sido feito assim... muito improvisado. Eu olhei pra Bruna e falei: 'Amiga, é aqui mesmo'. Aí eu falei: 'Não, a gente vai ficar'. Muito embora, eu queria descansar, pra no outro dia, ver o que a gente ia morar. Tá. E aí, ela disse assim: 'Não tem nada no quarto, não. Eu posso arranjar um papelão aí, um jornal. Não sei'. Eu digo: 'Qualquer coisa'. Dormia no relento, se... de tão cansada que a gente tava. E aí, ela trouxe umas caixas, a gente colocou no chão. Usamos a nossa bolsa como travesseiro, e aí dormimos. Agradei a Sueli, e aí dormimos. No outro dia, a gente amanheceu. Quando a gente acordou, conversamos com ela, que a gente queria o quarto, mas não tinha como... é... a gente ia trabalhar pra poder então comprar alguma coisa. Pra deixar, pelo menos, um... uma espuma pra colocar no chão, pra a gente dormir, né. E aí, ela concordou, e a gente ia sair pra trabalhar. E a gente ia pagando ela, e ela acertou o preço. E, ela mesmo fornecia comida. Isso pra nós era muito bom, porque a gente morava em um lugar que tinha a própria comida, não precisava que a gente... não tinha nada para cozinhar e comia lá. E, assim, a gente ficou um tempo morando lá, eu e Bruna, nesse... nesse quarto, né. É... alugamos esse quarto, depois a Bruna foi morar em um outro quarto, que tinha acabado de vagar, e eu fiquei nesse sozinha. A gente começou arrumar as coisas, né. Mas, a gente teve um... um processo crítico aí, porque nessa casa, todas as travestis que moravam, usavam droga. De alguma forma, ou... era... ou fumava maconha, cheirava cocaína, tomava pico na veia. Era uma droga muito comum. Vocês podem não... é... conhecer muito porque são muito jovem, mas na Salvador de... dos anos oitenta e noventa tinha uma... eles chamavam pico. Era uma droga que eles aplicavam na veia. Às vezes, era um comprimido, que era dissolvido com água. Era uma droga de... que era um remédio que era dado pra cavalo chamava fiorinal. Se eu não me engano, o nome era artane, que era um comprimido que você lavava ele pra tirar a parte amarela do... do... do comprimido e masserava aquela parte branca, misturava com água, aspirava com uma

seringa e aplicava na veia. Isso era um... um grande risco pra infecções de doenças sexualmente transmissíveis e HIV. Foi por aí, porque aquela seringa, ela era compartilhada numa roda de pessoas que usava aquele pico, né... Não era só travesti que usava. No Pelourinho muita gente, muita gente, muitas mulheres e homens, utilizavam essa... essa droga, esse pico. E a gente foi morar nessa casa. Uma grande parte das travestis usavam, e a gente não tinha... nenhuma experiência com droga. Nunca tinha usado. Eu nunca fumei na minha vida. Nada. Bebo muito pouco, e eu fiquei muito... impactada com aquelas cena, porque algumas vezes, as pessoas tinham overdose com a droga. E, eu presenciei várias vezes, as pessoas passando mal, tendo convulsões, por conta da droga, e aquilo me assustava ainda mais. E um certo momento, a gente começou a despertar ciúme na... na... nas travestis porque, como eu e Bruna, pagávamos as nossas contas todos os dias, como é acertado com a dona da casa... a gente pagava diárias, é... a gente não atrasava as diária, porque saímos... saímos pra trabalhar, vinha e pagava, porque era o combinado. E a gente sempre foi muito certa nessas coisas. E a dona da casa, com certeza, ela dava... na hora do almoço, ela chamava a gente, guardava o nosso jantar. Ela tratava a gente, de uma forma, que ela não tratava as outras travesti, porque essas não pagavam em dias. Atrasavam diária, não queriam pagar, porque a primeira é... é... opção dela era comprar droga. Ganhar o dinheiro e comprar droga. Ganhar mais, e comprar mais, e mais, e mais, e mais. Iam deixando o aluguel, e a... e a diária pra sua alimentação, sempre em segundo plano. E, aí obviamente que a dona da casa se recusava, muitas vezes, a fornecer o alimento. E elas ficavam com raiva, porque parecia que, eu e Bruna, era... éramos as preferidas da senhora, e não era por isso. A gente era as mais nova que tinha chegado, mas a gente tinha um... processo de acordo, que a gente queria cumprir a todo custo. A gente só foi resolver esse problema, quando nós começamos então, a nos misturar com ela. Não pra usar droga, mas pra estar junto na hora. E, especialmente, ela chamava a gente, talvez com a impressão, de que nós quiséssemos também, pelo momento da... do compartilhamento da droga, a gente queria usar. Mas, elas encontraram duas pessoas, que tinham a cabeça muito formada pra essa questão de não querer utilizar esses... principalmente essas... essa forma de...de...de utilização, que a gente sabia que não era tão segura. Porque, mesmo nesse período, já tinha uma... a Universidade Federal da Bahia, já fazia uma... uma intervenção muito forte, com relação às drogas que eram intravenosas, as drogas que eram aplicadas nas veias. É... já tinha uma... uma... uma... uma campanha muito certa. E, obviamente que a gente observando, e vendo as campanhas, a gente não ia entrar naquela zonas de risco, pra acabar se infectando com alguma doença que a gente não quisesse. E, a gente sempre resistiu, resistiu muito fortemente. Maconha não gostava, porque apesar de ser muito comum, e até gostar do cheiro, nunca quis fazer uso dela. Bibida também muito pouco, muito raramente. É... e esse, que era droga mais... é... é... pesada, no meu ponto de vista, que era o pico... com certeza, não usaria jamais. Conscientemente não. Isso a gente nunca... mas, a gente começou a participar. Ela chamava enquanto tava lá, e a gente ficava conversando com... elas conversavam também. De vez em quando, dava algum dinheiro, um pouco de dinheiro

que fosse. Pra contribuir lá, quando elas estavam fazendo rateio pra comprar, seja bebida, seja a maconha ou seja esse pico. A gente não se recusava a dar. A gente não ia dar sempre também, mas não era uma coisa obrigada. Quando ela tava lá, fazendo rateio, eu levantava. Bruna às vezes levantava, pegava lá no quarto dava um... 'Ó, pra contribuir aí com vocês'. E, nesse equilíbrio, a gente foi então, fazendo com que, fosse diminuindo essa resistência que elas tinha, e a gente acabou transitando muito bem, né. Tempo depois, a gente se mudou de lá. Foi achando outro espaço pra morar. Nós viemos morar no Gravatá, aqui agora. Depois Bruna, daqui do Gravatá, Bruna foi para São Paulo. Achou uma possibilidade de viajar, e eu acabei ficando, né. Aqui, a gente se separou, e eu acabei ficando aqui. Comecei a ter uns relacionamentos com... afetivo com homens, e aí acabei ficando. Não por eles. Eu acabei ficando, porque Salvador sempre, para mim, foi um lugar muito aprasivo. Desde que eu cheguei aqui, eu me encantei. Era uma cidade que eu queria morar mesmo. Parece que... eu digo sempre: 'Se eu não tivesse me apaixonado por Salvador, talvez eu moraria em São Paulo hoje, porque são as duas cidades que eu mais gosto do Brasil'. Gosto de todas as cidades, mas Salvador e São Paulo tenho um fascínio. Salvador porque escolhi pra morar, e São Paulo, porque minha atrai por toda a grandiosidade que tem, por todas as possibilidades. Mas, para mim, Salvador já basta. Então, minha amiga foi para São Paulo, a gente perdeu o contato tempo depois, e aqui eu fiquei trabalhando. É quando Mott, em noventa e um, me encontra na rua. Professor Mott. E, as travestis me indicam, pra distribuir preservativos, que essa era minha função inicial. Só pegar preservativos, e distribuir. Não tinha nenhuma outra pretensão de projeto, e vou pro GGB, pego os preservativos, que eram ofertados pela Bemfam. E aí, a Bemfam pega esses preservativo, e a gente começa a distribuir pras travestis da Rua São Francisco, onde morava com essas fotos que te mostrei. Então, toda semana a gente fazia um trabalho desse, mas como eu tinha preservativos em casa, não precisava ter o dia. Quando a travesti precisava de preservativo pra trabalhar, ela podia pegar. Ela tinha uma carteirinha, que era pro controle interno, e ela pegava essa carteirinha, e pegava o preservativo pra seu trabalho na rua. E, assim foi durante muito tempo. Até noventa e cinco, quando a gente funda a TRAS (a grafia pode estar incorreta), né. Que aí a associação já ganhou notoriedade. E aí, começa a trabalhar mais amplamente com outros níveis de projeto, que não somente a prevenção. E aí, começo também a receber dinheiro desses projeto. Ora como agente de prevenção, ora coordenando esses projetos. Então, nos meus cinquenta e seis anos de idade que eu tenho hoje, eu nunca trabalhei, formalmente, por muito tempo. O meu primeiro trabalho de carteira assinada só foi acontecer em dois mil e dezessete, quando eu coordenei o Centro de Promoção e Defesa dos Direitos LGBT que foi aqui... que terminou em dois mil e vinte. A gente tá agora com edital aberto. Esperando aí... o Gap (grafia pode estar incorreta) está concorrendo de novo, com outras entidades. Esperando resolver essa questão aí. É... e que depois, quando sair a entidade vencedora, pra continuar esse trabalho, que foi muito importante, que eu fiz. Então, foi só nesse período que eu tive carteira assinada. O resto dos meus dias de vida, lá do meu nascimento até aqui, eu vivi de aventura”.

(O vídeo corta. Keila continua.)

Kelly: “Falando que... das minhas aventuras que eu vivo, que eu tive o... minha carteira assinada somente em dois mil e dezessete até hoje. Fora esse trabalho que está finalizando o edital agora, que vai sair o resultado por esses dias. Pra retomar então, o trabalho do Centro de Promoção e Defesa dos Direitos LGBT. Então, e aí, eu dizia que esse processo do Centro de Referência... Centro de Promoção e Defesa dos Direitos LGBT, que é uma demanda da população LGBTQIA+, que foi fruto de discussão e debate na Primeira Conferência LGBT tá se... tá acontecendo em todas as partes do Brasil, e aqui em Salvador, nós tivemos... aqui no estado da Bahia um projeto, e eu queria muito, que o projeto se transformasse numa política de estado, que o estado pudesse, de fato, é... estar atuando nesse sentido, mas enquanto não tem a política de estado, projetos são muito bem importante, porque a população merece e precisa muito de serviço como esse. Espero eu. E aí, eu dizia isso, exatamente, para di... pra continuar falando dessa minha... desse meu trabalho que sempre foi na informalidade. Dessa minha vida, que chamo sempre de aventuras, porque não tem uma formalidade de trabalho. A prostituição então, é um espaço que eu uso como trabalho, e que para mim, também é muito importante fazer, porque me emancipa enquanto travesti. Me emancipa enquanto pessoa. Me... me traz possibilidade de reconhecer no ser humano as várias facetas que ele tem. Especialmente, nos homens que são clientes nosso, de como é que eles lidam com a... com a nossa existência, de uma forma completamente distinta. O dia é diferente da noite, como eles tratam então a população de travestis, que estão na prostituição. Isso é bem importante. Pensar essas coisas, e de se compreender, dentro daquele contexto de trabalho. Então, eu dizia isso, pra entrar na finalização do meu relato, que... a despeito de... de tudo isso. De todos os acontecimentos agora, nesse momento de pandemia, nesses dois anos em que vivemos em pandemia, eu me ocupei muito na questão de trabalhar virtualmente. É... não homeoffice, porque não tinha nenhuma função fora daqui. O projeto foi encerrado em dois mil e vinte, dos CPDD LGBT. Eu fiquei fazendo consultorias. Que bom que tinha algumas consultoria que eu pude fazer, e que essas consulte... consultoria me renderam então, rendimentos, pra que eu pudesse cuidar um pouco dos meus... das minhas despesas pessoais, e de casa. e isso fez uma grande facilidade, mas eu queria dizer que eu não tenho dinheiro. Eu tenho muito... recebido muitas pessoas, é... quase todo dia me pedindo dinheiro, ajuda de alguma forma. Infelizmente, não posso ajudar. Eu sou uma pessoa, que se eu não peço ajuda, publicamente, porque não gosto, eu tenho muitas, é... eu tenho muitas faltas de... de coisas no meu dia a dia, na minha casa, na minha vida, que eu não vou... eu vou correr atrás pra ir buscar. Eu moro de aluguel. Tem que pagar aluguel todo mês. Eu tenho que pagar despesa da minha alimentação. Eu tenho que pagar minhas contas, que não são poucas aqui em casa. Então, eu não tenho. Se eu tivesse, eu ajudaria, sim. Então, eu queria muito, que ficasse aqui pras pessoas que me pedem ajuda financeira, que eu não posso ajudar. Infelizmente. Às vezes, me dá vontade de publicar um post no Facebook, dizendo isso, mas eu penso que as pessoas não vão entender direito, qual é esse meu recado. Então, eu queria aproveitar esse vídeo, e dizer isso: ‘Não me peçam dinheiro porque eu

não tenho. Se eu tivesse, eu era a primeira pessoa do mundo a ajudar vocês'. Eu sei muito... o quanto a nossa população está sofrendo, o quanto a nossa população está maltratada, o quanto a nossa população está vulnerabilizada. Especialmente, neste momento de pandemia, mas eu só posso ajudar com a minha solidariedade. E, com alguns projetos que a gente está tomando aqui em conta, que são projetos que a gente recebe donativos, que repassa pras pessoas, mas tem uma fila enorme de pessoas que a gente tá ajudando, e tem uma fila maior ainda de pessoas que a gente não consegue ajudar, porque os donativos são pouco. Então, até os alimentos que a gente recebe, pra fazermos campanha de disponibilização de alimento, pra segurança alimentar de pessoas trans, eles não são ainda ideais, eles ainda faltam bastante. Então, infelizmente eu não tenho. Eu sinto muito por vocês que precisam de ajuda. Eu sei que, quando vocês buscam alguém ou a internet, pra pedir ajuda é o último recurso que vocês tem, mas eu infelizmente nesse momento não posso ajudar. Mas, posso ajudar de outra forma. Na solidariedade. Nos solidarizamos com vocês, compartilhando algum post, que vocês queiram colocar público, de alguma razão, e a rede que eu dirijo que é a ANTRA, também se disponibiliza muito a... a fazer isso. Mas, a ANTRA não faz campanha... é... para receber ajuda individualmente. A ANTRA trabalha muito pelo coletivo. Nós sempre primamos trabalhar, dentro da ANTRA, por uma ajuda coletiva, e não individual, porque nós somos muitas individualidades no Brasil. Imaginemos nós que, cada uma pessoa nossa, que passa por dificuldades, se lançasse mão da ANTRA pra pedir ajuda, né... A gente não ia ter uma outra função na vida. Então, a gente prima muito por: campanhas coletivas, doações coletivas, pra daí repassar pra essas entidades que trabalham conosco, que são associada a ANTRA, pra daí ajudarem na ponta, porque nós não tínhamos a... a capacidade de ajudar quem nos pedem ajuda, da forma que vocês pedem, mas a gente sente muito por isso. Infelizmente, a gente não pode ajudar. Tá trabalhando. Vamos sair desse processo. Talvez a minha mensagem final, aqui nesse depoimento, né. Nós vamos sair desse processo danoso que a gente se meteu, tanto político que nos meteram, porque muitos, e muitas de nós, não votamos nesse... contexto político, que está especialmente no nível Federal. E, vamos sair desse processo pandêmico, que também fomos é... pegos de surpresa aí, há dois anos atrás. Esses dois momentos vão passar. Nós vamos conseguir seguindo firmes, e fortes. Sempre sentindo muito, nos solidarizando.. E... e... e sempre nos... é... é... é... nos remetendo às pessoas que não conseguiram passar por esse processo, que acabaram tombando no meio do caminho. Nós vamos juntar ainda. Por elas que não estão aqui, por nós que continuamos aqui, por aquelas e aqueles que virão depois de nós. Eu acho que essa mensagem é a que deve prevalecer. Aqui, nesse trabalho, estamos falando de pessoas que tem um pouco mais de... idade de quarenta e cinco anos, cinquenta anos, quase chegando aos sessenta. Eu espero um dia, que a gente consiga fazer trabalhos que vá aparecer pessoas de oitenta, noventa e cem anos. Espero que, daqui a quarenta e quatro anos, quando estiver completando o meu centenário, a gente tenha outras travestis centenárias, como eu, pra fazerem depoimentos como esse. Pra gente perceber a grande modificação, que a gente teve desde quando a gente nasceu, até agora, quando a gente está se despedindo desse

plano, né. Então, eu desejo isso: ‘Cada vez mais as travestis vivam bastante, cada vez mais, tenham pessoas trans com mais idade. Envelhecer não deve ser nunca uma possibilidade de vergonha. Deve ser sempre uma perspectiva de uma vida, que você tem que passar por ela, pelo estágio da nossa existência enquanto humanidade’. Então, eu queria muito que a gente pensasse nisso. Pensasse somente que as pessoas mais jovens é que tem coisas bonitas pra dizer, e que as mais velhas podem ensinar. Nós vamos fazer o contrário. As mais velhas podem aprender, e ensinar com as mais novas. Então, eu queria muito que a gente refletisse essas mensagens, né. Essas mensagens de por quê a gente tá trabalhando com pessoas mais velhas? Porque não tem quase nada produzido por essas pessoas, que é preciso também olhar esse lado. É preciso também observar esse lado. Se não, daqui a pouco, essas velhas que estão aqui, vão passar e não ficou nada escrito delas, nada falado, nada dito. Se nós tivéssemos começado a registrar a existência das nossas que passaram... das nossas velhas que passaram por aqui... Talvez hoje, a gente já tivesse muito mais material, mas nunca é tarde pra gente conseguir... é... contabilizar ou contextualizar. Ou mesmo é... entender, esta dimensão, dessas pessoas que já tem um pouco mais de idade, que já tem um pouco mais de vivência, que tem um pouco mais de experiência de vida. E aí, poder relatar nesses poucos minutos, ou nessas muitas horas, de... de... de... de trabalhos. Dizer exatamente da sua dimensão, do seu conhecimento, da sua infância até chegar a essa idade. Obviamente que eu tô na metade dela. Eu tô com cinquenta e seis anos. Serei uma travesti centenária. Eu espero que quando eu tiver lá no meu centenário, outras travestis como eu, também centenárias, possamos estar trabalhando ainda. Recordando nas nossas memórias, as vivências que passamos, e poder relatar pra deixar praquelas que virão depois de nós, porque se nós tivéssemos es... escritas as histórias de Martinhas, Carletes, Angélicas, Simone Concreto, Antoniete, Antonieta, e tantas outras que passaram por aqui. Mirinha, Rita Lee, é... Tigresa, Vanburga (a grafia pode estar errada)... todas essas. Talvez hoje nós teremos muito mais materiais de pessoas travestis, que passaram de cinquenta anos. Como a gente não fez naquele período, vamos tentar, a partir de agora, captar essas mensagens... dessas senhoras que estão chegando a esses anos se... a sessenta anos, a setenta anos. Deixar para a posteridade um pouco do relato dela, pra que as mais novas, os mais novos possam ouvir essas histórias, e aprender com elas e ensinar pras gerações futuras, a forma mais exata de você respeitar o ser humano, como o ser humano é, e merece. Acho que é isso. Obrigado”.

(Vídeo corta. Tela preta. Keila continua.)

Keila: “E ainda nesse contexto, você pessoa cis, estudantes, professores, pesquisadores... quando lançarem mão das experiências de uma pessoa trans, não é pagando a pesquisa, não é pagando a entrevista, não é nada. Então, pensa numa forma de contribuir essa pessoa. Essa pessoa tem despesas, e é muito importante, que

pelo menos de uma forma muito simbólica, ela seja recompensada de alguma forma, tá. Eu ratifico, não estão pagando o trabalho dela. Estão contribuindo de uma forma, pra que aquela vida daquela pessoa, pelo menos nesse estágio que a gente vive, pandêmico, possa ser um pouco mais tranquila. Que aquele dinheiro que você vai dar pra ela, possa servir pra comprar algum alimento, pra casa, ajudar a pagar alguma conta, pagar o seu transporte, comprar sua taba, tomar sua cerveja no final de semana, porque tudo isso é possível dar. E, quando você dá o dinheiro pra pessoa, você não está pagando. Você está contribuindo pra que ela possa transitar um pouco mais livremente nessa vida tão turbulenta que é. Então, quando você for a uma pessoa trans, pedir alguma forma de ajudar você no seu trabalho. Se você puder e tiver como, contribua de alguma forma, tá. Dá uma torta, leva uma torta. Se a pessoa... leva uma cesta de frutas, dá algum dinheiro, porque isso vai ajudar muito as pessoas. Eu peço encarecidamente. A gente tá num momento muito de dificuldade da nossa vida. Então, as pessoas precisam disso. Precisa também desse aporte que é muito importante na vida delas. Acho que muitas pessoas não tem coragem de falar isso, mas aqui estou eu, no alto do meu trabalho, no alto da minha atuação militante, pedindo a vocês essa sensibilidade. Eu tenho feito isso. Eu preciso... eu fiz uma cirurgia. Eu gastei mil e setecentos reais pra operar o meu olho. Eu preciso fazer do olho esquerdo, e eu pedi alguns amigos. Eles estão conseguindo fazer. Não quero nada público, né... porque eu não acho muito legal fazer isso, mas como eu não tinha, e os meus amigos, em que eu ajudei muito, que trabalhamos juntos, fizeram essa possibilidade. Vão me dar, esse dinheiro para fazer a cirurgia. Então, já não preciso gastar do meu, que tava lá junto um pouquinho pra fazer a cirurgia. É preciso pensar nisso, de um pouquinho ajudando, ajudando aos poucos, a gente acaba se saindo muito bem. A gente tá no processo de modificação. Eu acho que isso. A gente tá no começo de uma construção de um mundo novo, e melhor pra todo mundo. Tá aí as pequenas conquistas que a gente teve. Então, cada um podendo ajudar, já é muito que a gente vai ter.”

Entrevistador: Gostaria de falar algo sobre ou para as suas amigas e colegas que já se foram?

Keila: “Bom, eu também fico sempre pensando, né... Nas pessoas que não estão mais conosco, da importância que elas tiveram. E aí, eu me reporto sempre, quando eu penso nisso, aquelas que passaram anonimamente pelas nossas vidas. Sempre falo, e mais ultimamente, tem me retornado a memória história de Maria Lúcia. Maria Lúcia era uma travesti que viveu no Pelourinho dos anos setenta, e que Maria Lúcia colocava uma faca na cintura. Aquela faca na cintura de Maria Lúcia, não era que Maria Lúcia era violência. Era a única forma de resistência que Maria Lúcia achava, naquele período, para poder transitar livremente. Nós vivemos numa Salvador que não era violenta, já falei isso, mas Maria Lúcia no alto da sua travestilidade, ela tinha na iminência, de que ela sendo uma senhora já, de uma certa idade. E, com todos aqueles três jeitos de pessoas que não... não obedecia aos padrões pré-determinado,

heteronormativo, essa heteronormatividade que reina. E ela colocava uma faca na cintura, e dizia: ' O primeiro que se meter a besta comigo, eu meto a faca no bucho'. Era a forma de resistência que Maria Lúcia fazia para sobreviver numa cidade que não era tão violenta. Ratifico aqui. De lá para cá, outras tantas travestis passaram por essa cidade, por esse estado, por esse país. Algumas anônimas, mas que mesmo nos seus anonimatos, elas fizeram resistência, porque estar na rua, permanecer na rua, estar transitando numa cidade que era muito desigual, num país que é muito desigual, e sendo travesti, já era uma resistência feita. E eu... sempre me vem na memória essas travestis que conseguiram... que morreram no percurso do caminho, ou assassinada, ou de doença, de mortes naturais. E, que não estão mais aqui, mas que ela sempre mereçam então... a nossa lembrança, a nossa atenção, a nossas... é... é... é... as nossas orações aí. De qualquer credo que seja, pra pensar sempre nos espíritos dessas pessoas como espíritos que evoluíram, e que estão de um outro plano aí, talvez olhando para nós, pra que a gente acerte sempre. E, as que não conseguiram sobreviver a esta pandemia, que foram vítimas da pandemia, que a gente fique pensando mesmo assim... com muito, é... é... não com raiva, porque esse não é sentimento de raiva, mas com sentimento completamente de desprezo. Por as... a falta de ações desse governo que fez vítima tanta gente. E, aí tanta gente da população que não são pessoas trans que morreram como as pessoas trans... a gente tem que sentir esse sentimento de nojo, de asco, de desprezo por esse governo, que é tão cruel, que era tão tirano, que é tão ineficiente. E dizer pra essas pessoas, pra esses espíritos que estão vagando por aí, num plano muito melhor que esse, acredito eu, que a gente está aqui, Continuamos... resistimos a pandemia, estamos ainda dentro dela. Resistimos a violência. Não sabemos o dia de amanhã, mas a gente cada dia que está aqui, cada vez que a gente coloca o pé na rua, pra fora de casa, a gente tá na resistência. Pra que outras pessoas não se vitimizem mais. Seja pela ineficiência do estado, seja pela falta de ações, seja pelo... pela falta de ações concretas com relação à segurança pública pra essas que foram vítimas de violências letais, por... homicídio de alguma forma ou por transfeminicídio, como a gente chama. Pra que cada dia mais, se erradique essa... essa forma mais violenta de ser, e que a gente não tenha que chorar por tantas mortes a cada ano. Que a pandemia nos passe, que ela siga. E, que essa epidemia de morte que se instalou no Brasil, de assassinatos, a gente possa em governos futuros, trabalhar de uma forma que vá, no cerne dessa erradicação, e não precisamos nós fazer mais estudos, debates e trabalhos sobre essas mortes, porque o governo não faz. E aí a gente fica com essa responsabilidade, e é um carma muito grande. É uma dificuldade muito grande. A gente tá lidando com essas mortes, com essas... com esses assassinatos que acontecem todo dia. Então, eu espero que a gente possa assim... de fato é... auspiciar dias melhores, e tempos melhores pro nosso Brasil e no mundo como um todo."

Entrevistador: Pode falar mais um pouco sobre seu trabalho no ativismo?

Keila: “Aí, então eu acho que também... Acho que na minha avaliação talvez uma... uma falta que ficou foi falar um pouco da minha atuação de dois mil e oito até dois mil e dezesseis, quando fui presidente da ANTRA pela primeira vez, e que desenvolvemos os principais projetos é... de formação política pra travestis, que foi Projeto Tulipa e depois o Transponto Barreiras. Foram dois projetos importantes. E, agora de dois mil e dezesseis a dois mil e vinte, quando a gente trabalhou pra que a ANTRA se, se colocasse nesse cenário nacional e internacional de atuações. Então, de noventa e um, quando eu chego no movimento social, lá no Grupo Gay da Bahia até dois mil e vinte e um, quando a gente consegue colocar a ANTRA nesse cenário nacional e nesse... nesse cenário internacional também, é uma trajetória de... de caminhada enorme, que... eu consigo pensar na... na... na minha cabeça, as diversas atuações que foram feitas nesse caminhar, mas era preciso um dia inteiro para pensar organizadamente dessas atuações. O que eu sei, o que quero deixar aqui registrado, era que a gente começou sem nenhuma perspectiva, lá no início. Sempre digo: ‘Quando eu participei do Primeiro Entrelades que são os encontros de travestis que acontecem anualmente, eu entrei muda e saí calada’. Hoje, quando eu chego em dois mil e vinte e um, começando dois mil e vinte e dois, eu percebo a possibilidade que eu tive de aprendizado. Não só nesses eventos, mas eles foram importantíssimos pra essa construção do que eu sou hoje, e da pessoa que eu me tornei pra fazer essas formações. Então, a base que eu tive desse aprendizado foi a instituição que eu coordeno hoje, que é a ANTRA. Ela me deu todas as possibilidades, desses aprendizados... E esses aprendizados de atuar diplomaticamente nos diversos campos, que a ANTRA hoje ela dialoga com as três esferas de gestão. Ela dialoga tanto com o poder executivo, legislativo e judiciário. Dentro sempre dessa lógica do diálogo. A gente não é... chapa branca. Nunca fomos. A gente tem uma profusão de pessoas dentro da ANTRA, diversas colorações partidárias, mas o que nós somos é pela democracia. Qualquer governo democrático que queira fazer atuações em prol da população LGBT, a ANTRA vai tá lá dialogando. Obviamente, que nos recusamos a dialogar com esse governo que aí está, porque esse governo não dialoga. Ele não quer fazer ação nenhuma com a população LGBT. Então, a gente tem essa decisão de não dialogar com esse governo, e de reagir fortemente as ações... as não ações que são... que não são feitas nele. A gente critica bastante, porque esse governo mesmo nessa conjuntura que ele está, que é danosa, se ele aospiciasse, em algum momento, a possibilidade de atuar pra população LGBTQIA+, nós da ANTRA iríamos nos aproximar, e tentar contribuir, porque o nosso principal objetivo é atender as demandas da nossa população. Especialmente, da população de travestis e mulheres transexuais. Como a gente compreende que não é essa a linha ideológica de atuação desse governo, a gente não vai nem participar. A gente vai reagindo, desejando que esse processo seja... é... vencido logo, e a gente entre numa outra conjuntura. De fato, a ANTRA tem trabalhado muito nesses últimos dois anos, exatamente, nesta prática mais diária da internet. As nossas redes sociais estão aí... é... completamente lotada de participações, tanto no Instagram quanto no Facebook. E o nosso site, o nosso site, ele tem uma série de documentos, de publicações que as pessoas podem lançar mão pra

pesquisas. E uma coisa que eu queria deixar aqui, se não esqueço: Nós não temos dados. Dados de emprego e renda, não pergunte a ANTRA porque a ANTRA não tem. E por quê a ANTRA não tem? Porque a ANTRA não tem capacidade nem técnica, nem de recursos humanos, de fazer um estudo como esse. Nós não temos recurso financeiro. Não tem projeto de nenhuma possibilidade pra fazer nenhum tipo de pesquisa. Essa pesquisa que a gente publica cada ano de assassinato de pessoas trans, ela é feita voluntariamente. Nos últimos dois anos, a gente tem encontrado parcerias importantíssima, e uma dela é... o fundo de... do fundo de populações das Nações Unidas, que tem dado recurso, que a gente imprime o material, mas a pesquisa é feita de forma voluntária. Tabulação dos dados é feita de forma voluntária. O estudo completo que é o trabalho mais dificultoso, desse dossiê, ele é feito de forma completamente voluntário. Então, todo esse trabalho aqui, ele é feito voluntariamente. Todo esse trabalho de pesquisa... essas organizações que aqui estão, elas apoiam a gente agora. Nos dois últimos anos, a gente tem encontrado esse apoio, mas não é apoio de recursos, De recursos são sempre muito limitados. E aí, a gente faz. Então, não tem como. Para além, desses estudos que é tão sério, fazer outros estudos. Ademais, quem tem que ser cobrado por pesquisa é o IBGE. É o IBGE que tem que fazer pesquisa. O IBGE não sabe quantas pessoas trans temos no Brasil. O IBGE não sabe quantas pessoas LGBTQIA+ temos no Brasil, que sá, pessoas trans. Então, infelizmente nós não temos dados de pesquisa, de empregabilidade de pessoas trans. Não temos. Não pergunte pra ANTRA. O que nós queremos é que vocês também, que perguntam a nós, possam fazer trabalho questionando, porque não existe. Não temos também os dados de quantas pessoas trans se operaram no Brasil, porque isso talvez seja nem, pra nossa instituição, isso não é tão relevante assim, né.. Nós não queremos saber quantas pessoas estão sendo... fazendo cirurgia de transgenitalização no Brasil. Nós queremos saber quais hospitais estão habilitados, e por que estão habilitados. Porque nós acreditamos que a... é... a cirurgia de transgenitalização para pessoas é algo individual. É do indivíduo. Publicar aquilo ou não, é somente do indivíduo. Então, pra nós... o que nós trabalhamos na nossa direção geral é: hospitais habilitados pra cirurgia, se estão fazendo uma ampliação de ambulatórios. Esse é o nosso papel. Não é de pesquisar quantas pessoas estão lá. Se nós tivéssemos, novamente, volto a falar, se tivéssemos um recurso pra projeto destinado a esse propósito, nós faremos com certeza, mas nós não temos. Nossas atuações se baseia muito nisso, de tá apagando incêndio quando acontece essas violências e violações, que são todos os dias, né. E aí, a gente vai apagar esse incêndio. A gente vai naquele problema. A gente tenta colocar aquele problema em evidência, e as ajudas vão chegando depois. Nós também não temos como ajudar a enormidade de pessoas que nos pedem ajuda para retificação de nome, orientações pra ações judiciais. Uma dessas... é..., uma... um pouco desses... dessas perguntas que nos fazem todos os dias, dos nossos canais de comunicação, seja no nosso e-mail, tá lá no site. É só visitar o site antrabrasil.org que vocês encontram. E, também entrevistas, é uma coisa que eu queria deixar aqui bem digo. Entrevista pra TCC, desculpa, mas eu não posso fazer tanta, porque se eu fosse fazer também, todas essas demanda, que chega no meu e-mail todo dia, dos diferentes

estados do Brasil, eu só ia me dedicar a isso. E aí fatalmente vocês iam tem que pagar um salário, pra mim ficar disponível pra trabalhar nesse sentido. Como eu não posso dispor pra atender todo mundo, eu não fico escolhendo pessoas pra atender. Então, se você mandar para o nosso e-mail um pedido de entrevista pra TCC, eu sinto muito, mas a gente não vai poder responder. E, outra coisa são entrevista para repórter também, que a gente também tem filtrado bastante, porque tem várias instituições, que são mídias de direita, que querem que a gente dê entrevista. E, a gente tem se recusado um pouco, porque as entrevistas são, algumas vezes, distorcida. E, outra coisa, também que acho que agora pegou muito, e que eu me lembrei de falar atualmente, é... as entrevistas que as pessoas querem hoje em dia, tudo é via Zoom, tudo é via Skype, tudo é esses aplicativo de imagem. Não tem mais entrevista por telefone, não tem mais o pesquisador com o bloquinho ali, lhe entrevistando, escrevendo, não. Ele quer um vídeo, e pra um vídeo você tem que ter um espaço, você tem que ter um lugar disponível, você tem que ter um tempo, você tem que se arrumar, porque a pessoa não quer aparecer no vídeo de qualquer forma, descabelado como tá em casa. Então, isso também leva tempo, e aí a gente tem muitas dificuldades de fazer isso. Quando a gente se dedica, tá trabalhando em um vídeo, a gravar um vídeo pra alguma instituição, ou outra que pede, é porque a gente tem uma consideração, e respeito pelo trabalho, que a gente tá fazendo. Não tô dizendo que os outros não mereçam respeito, mas a gente tem filtrado muito esse tipo de atuação. Senão, a gente não faria mais nada da nossa vida. De toda sorte, acredito que você se... mesmo nesse vídeo, e depoimentos individuais possam também poder acompanhar, e ver a dimensão do nosso trabalho enquanto a organização da sociedade civil, e enquanto uma rede nacional, que tá aí, desde noventa e três, trabalhando pra fazer essa tal inclusão da população de travestis e mulheres transexuais. E, conseqüentemente, fugindo do seu papel de missão que a ANTRA atua pra mulheres transexuais possa levar nesse barco também, as demais populações trans, porque muito embora, não trabalhando diretamente com elas, elas acabam se... favorecendo das muitas políticas que a gente tem a partir daqui. Lembrando que nós não debatemos políticas pra travestis e mulheres transexuais. Nós queremos as políticas de pessoas trans como um todo, mas a ANTRA, ela é uma instituição que atua exatamente com travestis e mulheres transsexuais. Todas as outras pessoas trans são bem-vindas, e nós atuamos, sim, com ela, mas de outra forma. A gente quer que as pessoas acabem tendo as suas próprias representações, dentro das suas próprias organizações sociais. E, que nem precisa se organizar. Se as pessoas acharem por bem não se organizar em nenhuma associação e quiserem fazer da sua própria vida, sua própria organização, ela é livre pra isso, mas a ANTRA trabalha diretamente nesse sentido, com esse grupo de pessoas do gênero feminino, mas não descuida nunca das demais populações. Primeiro das populações trans que compõem todo esse universo nosso aqui, e depois da população LGBTQIA+”.

(A entrevista chega ao fim.)

